

O teatro em Feira de Santana: espaços e primeiras vivências

The Theater in Feira de Santana: Spaces and First Experiences

Aldo José Morais Silva*

<https://orcid.org/0000-0003-3738-6843>

Fábio Santana Nunes**

<https://orcid.org/0000-0001-6194-7562>

Maria Cristina Rosa***

<https://orcid.org/0000-0003-0534-9407>

Resumo

Este artigo analisa os registros existentes acerca dos primeiros teatros a funcionar na cidade de Feira de Santana (Bahia) entre as décadas de 1870 e 1950, considerando o contexto de sua instalação, sua importância como espaço de lazer e sociabilidade, os usos do teatro, os tipos de espetáculos e de grupos que se apresentaram na cidade, bem como o nível de acesso da população a esse tipo de lazer, até meados do século XX, quando um novo padrão arquitetônico e de conforto põe fim ao antigo modelo de teatro, remanescente do século XIX, e que teve o Teatro Santana como último exemplo. A pesquisa foi desenvolvida com base nos jornais feirenses, do período estudado, e buscou ainda estabelecer paralelos com outras experiências e localidades a partir do diálogo com estudos similares.

Palavras-chave: Feira de Santana; teatro; Teatro Santana; lazer urbano

Abstract

This article analyzes existing records about the first theaters to operate in the city of Feira de Santana (Bahia) between the 1870s and 1950s, considering the context of their installation, their importance as a space for leisure and sociability, the uses of the theater, the types of shows and groups that performed in the city, as well as the population's level of access to this type of leisure, until the middle of the 20th century, when a new architectural and comfort standard put an end to the old theater model, remaining of the 19th

*Doutor em História pela Universidade Federal da Bahia. Professor no curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: aldojose2@uefs.br

**Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor no curso de Educação Física e no Mestrado em História da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: fsnunes@uefs.br

***Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Associada da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: m.crosa@hotmail.com

century, and which had the Teatro Santana as the last example. The research was developed based on newspapers from Feira, from the period studied, and also sought to establish parallels with other experiences and locations based on dialogue with similar studies.

Keywords: Feira de Santana; theater; Santana Theater; urban leisure

Apresentação

A história do lazer e da cultura no contexto das hinterlândias no Brasil é ainda pouco pesquisada. Alguns estudos tematizam os lazeres do município de Feira de Santana, investigando elementos como touradas, circos, teatros, filarmônicas, cinemas, festas e esportes¹. Esse trabalho tem por objetivo compreender o teatro em Feira de Santana e suas relações com a economia cultural da cidade na segunda metade do século XIX e início do XX. Trata-se de uma Pesquisa Documental, sendo consultados periódicos publicados, principalmente, em Feira de Santana². Adicionalmente, acessou-se jornais de outras localidades por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Assim, considerou-se as recomendações sobre o uso dos periódicos como fonte histórica, sendo seguidos alguns procedimentos para a análise desses impressos³.

¹ Ver a respeito: SAMPAIO, Maria Izabel da Silva. *Dimensão social do teatro em Feira de Santana (1892-1912)*. 2000. Monografia (Especialização em Teoria e Metodologia da História). Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2000; SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira dos. *Diversões e civilidade na “Princesa do Sertão” (1919-1946)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2012; SILVA, Aldo José Morais. Educação musical como projeto: 50 anos do seminário de música de Feira de Santana. *Metáfora Educacional*, n. 15, p. 48-76, 2013; Aldo José Morais. De terra sã a berço da micareta: estratégias constitutivas da identidade social em Feira de Santana. *Revista de História Regional*, [S. l.], v. 13, n. 2, 2009; SACRAMENTO, Beatriz Café. O cinema e as sociabilidades em Feira de Santana (1910-1919). *Anais... ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-BA*. 8. Feira de Santana. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2016; SACRAMENTO, Beatriz Café. *O cinema enquanto sociabilidades em Feira de Santana (1910-1920)*. 2017. Monografia (Graduação em História). Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2017; NUNES, Fábio Santana. “A los toros!”: as touradas em Feira de Santana (1893-1905). *Revista Caminhos da História*, Montes Claros, v. 26, n. 1, p. 54-79, 2021a.

² Esse material encontra-se, depositado em Feira de Santana: Biblioteca Setorial Monsenhor Galvão, no prédio do Museu Casa do Sertão, no Campus da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e em Salvador: Biblioteca Central do Estado da Bahia (Biblioteca dos Barris); e Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. E, ainda, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

³ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 111-153.

O cenário Feirense

Feira de Santana, cidade baiana distante 108 km da capital, Salvador, tem origem no século XVIII, como resultado da expansão da atividade pecuária, mas sua consolidação econômica e populacional ocorreu a partir do quartil final do século XIX. Em 1881, a localidade já ocupava a terceira posição entre as praças do interior do estado, com 102 estabelecimentos comerciais (a primeira, Cachoeira, contava com 189, seguida por Santo Amarro, com 104), de acordo com Freire⁴. Em 1916 o comércio feirense já contava com 472 estabelecimentos, chegando a 555 em 1923, números que mantiveram a cidade entre as três maiores economias do interior do estado nesse período⁵.

Tal florescimento relacionava-se de forma direta, mas não exclusiva, à facilidade de comunicação viária que a cidade apresentava, por ser local de cruzamento de várias rotas de comércio entre a capital baiana e a região do Recôncavo e suas interconexões com outros estados. Nesse contexto, entre 1873 e 1913 pelo menos nove projetos foram iniciados, relacionados à abertura de vias de acesso à Feira de Santana⁶, dentre os quais a construção do ramal da linha férrea da Central da Bahia, cujo tráfego teve início em fevereiro de 1875, ligando a cidade ao município de Cachoeira⁷. Com essa via férrea, a viagem de ida e volta a Salvador, cuja duração era de três dias, passou a ser feita em cerca de um dia, via Cachoeira. Como resultado dessa facilidade, apenas nos dois primeiros anos de funcionamento (1875/76), a estrada de ferro transportou cerca de 36 mil pessoas⁸.

A relativa bonança econômica e a facilidade de acesso fizeram, então, de Feira de Santana um polo de atração populacional e, conseqüentemente, um mercado de bens culturais, como livros, partituras, instrumentos musicais, espetáculos artísticos e esportivos, dentre outras formas de expressão. Essa

⁴ FREIRE, Antônio. *Almanak da Província da Bahia*. Salvador: Litho-typographia de João Gonçalves Tourinho, 1881.

⁵ SILVA, Aldo José Morais. A Feira e o mercado: notas sobre a inserção de Feira de Santana na economia baiana. In: SILVA, Elizete da; NEVES, Erivaldo Fagundes. *Cultura, sociedade & política: ideias, métodos e fontes na investigação histórica*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

⁶ SILVA, Aldo José Morais. *Natureza sã, cidade e comércio em Feira de Santana: a construção de identidade social no interior da Bahia (1832-1937)*. 2000. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2000.

⁷ NUNES, Luiz Antonio da Silva. *Relatório à Assembleia Legislativa Provincial da Bahia no dia 1º de maio de 1876*. p. 145-146. Disponível em: <<https://archive.org/details/rpebahia1876a/page/n147/mode/2up>>. Acesso em: 26 dez. 2022.

⁸ NUNES, Fábio Santana. *Pelos vapores e trens, do hipódromo ao stadium: esporte e lazer em Feira de Santana - BA (1875-1922)*. 2021. Tese (doutorado em Estudos do Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2021b.

ambiência converteu igualmente a cidade em destino para diversos artistas profissionais, ao passo em que ensejou o florescimento daquilo que hoje se designa como economia da cultura⁹. Eram diversas as atividades que, para além do valor cultural, pretendiam gerar ou geravam valor econômico, como sugere Leitão¹⁰. Nesse sentido, não surpreende que a existência de um teatro na cidade tenha sido mencionada já na década de 1840, quando, em correspondência oficial, sugeriu-se que tal espaço abrigasse as reuniões da Câmara Municipal feirense que, até então, não tinham um prédio próprio¹¹, tampouco que fosse um empreendimento privado, como o eram, naquele momento, outros teatros baianos como demonstram os estudos de Robatto, Rodrigues e Sampaio¹² e Spinola e Marinho¹³, ou que como em outras cidades do país fosse um espaço sob a responsabilidade da Câmara Municipal, responsável pela cobrança a artistas e companhias das licenças, uma espécie de imposto, para realização de espetáculos, como mostram Bibbó e Rosa¹⁴.

Com efeito, Poppino sugere que na segunda metade do século XIX a música tinha bastante espaço local, salientando que “artistas isolados frequentemente, davam recitais no teatro”. O autor acrescenta ainda que o violino era algo comum e o viajante alemão Julius Nacher “notou, antes de 1880, que existiam pianos nas casas de classe mais favorecida”¹⁵. Explicando, aliás, a existência de anúncios recorrentes nos jornais feirenses do período, ofertando serviços de reforma de pianos¹⁶ ou mesmo de aulas particulares para aquele instrumento, além de “[...] solfejo, canto, etc.”¹⁷ e ainda de um “completo e variado sortimento de músicas para piano dos mais acreditados e conhecidos

⁹ LEITÃO, Sérgio Sá. Economia da cultura e desenvolvimento. *Revista Z Cultural*. Rio de Janeiro. Ano III, n. 3, 2015. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/economia-da-cultura-e-desenvolvimento-de-sergio-sa-leitao/>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

¹⁰ Idem, *ibidem*.

¹¹ POPPINO, Rollie E. Feira de Santana. Salvador: Itapoã, 1968.

¹² ROBATTO, Lucas; RODRIGUES, Clara Costa; SAMPAIO, Marcos da Silva. Os primórdios do Teatro São João desta Cidade da Bahia (1806-1821). *Revista da Bahia*, v. 32, n. 37, p. 62-67, 2003.

¹³ SPINOLA, Noelio Dantaslé; MARINHO, Isabel Cristina Alves. O teatro na Bahia: dos jesuítas a Glauber Rocha. In: CONGRESSO ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 24., Anais... Covilhã, 2017.

¹⁴ BIBBÓ, Caroline Bertarelli; ROSA, Maria Cristina. From theatre to streets: the dynamics of shows in Ouro Preto, Brazil (1870-1900). *Leisure/Loisir*, 47(3):1-23, set. 2022.

¹⁵ POPPINO, 1968. p. 287.

¹⁶ ANÚNCIO. *O Propulsor*. Feira de Santana. 29 nov. 1896. p. 3.

¹⁷ ENSINO de piano. *O Progresso*. Feira de Santana, 20 abr. 1902. p. 3.

autores, contendo todas as operas”, vendidas pelos mesmos preços da capital baiana¹⁸.

As filarmônicas 25 de Março e Vitória, fundadas respectivamente em 1868 e 1873, atuavam como espaços de formação de músicos, mas eram principalmente instrumentos dos grupos políticos locais, e deles recebiam apoio e sustentação. Em troca forneciam suporte e visibilidade às figuras políticas que as apadrinhavam, fazendo-se presentes em comícios e ocasiões solenes. De todo modo, as filarmônicas proporcionavam apresentações musicais públicas e privadas, sendo um elemento constante na vida cultural feirense, até meados do século XX. Existia, como vimos, uma constância da música nos eventos e atividades sociais, bem como um papel civilizatório atribuído a essa forma de expressão artística¹⁹. Isso explica o surgimento, em 1937, da primeira Escola de Música privada da cidade, anexa ao Ginásio Santanópolis, sob a direção da maestrina Georgina Erismam sendo a dita escola “vinculada ao Instituto de Música da Bahia cujos diplomas tinham validade em todo o território nacional” adepta dos programas da Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro²⁰, tendo esta funcionado até o ano de 1950.

O campo literário foi outro que cedo floresceu em Feira de Santana. O periódico local *A Parasita*, fundado em 1876, já trazia como subtítulo “Literário e Recreativo” e dedicava parte de suas páginas para apresentações de crônicas e poemas, um padrão que se manteve nos jornais feirenses até meados do século XX. A instalação da Biblioteca Pública Municipal, em 6 de novembro de 1890²¹, reforça tal entendimento, pois entre março e maio de 1892 ela teve em média 126 leitores por mês²², mesmo considerando que em 1889 a população urbana feirense foi estimativa em 4.454 pessoas²³ e que a taxa de analfabetismo era então de 82,6%, segundo o senso de 1890²⁴. Ou seja, pode-se

¹⁸ ANNUNCIOS. O Esforço. Feira de Santana, n. 14, 17 abr. 1887. p. 4.

¹⁹ SILVA, 2013.

²⁰ OLIVEIRA, Sandra Nívea Soares de. *Um modelar estabelecimento de ensino: o Colégio Santanópolis na cidade de Feira de Santana (1934-1959)*. 2014. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014. p. 49.

²¹ MELLO, Carlos Alberto Almeida; BRITO, Carlos Alberto Oliveira (Orgs.). *Memórias: Arnold Ferreira da Silva*. Feira de Santana: Fundação Senhor dos Passos. 2018.

²² BIBLIOTECA. *O Município*. Feira de Santana, n. [1?], [?] mar. 1892. p. 3; BIBLIOTECA. *O Município*. Feira de Santana, n. 9, 8 maio 1892. p. 3; BIBLIOTECA. *O Município*. Feira de Santana, n. 17, 5 jun. de 1892. p. 2.

²³ VIDA Feirense. *Folha do Norte*, Feira de Santana, n. 716, 1 nov. 1924. p. 1.

²⁴ FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto; CARVALHO, Carlos Henrique de. Escolarização e analfabetismo no Brasil: estudo das mensagens dos presidentes dos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte (1890-1930). In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO CENTRO-OESTE, 12., 2014, Goiânia. Disponível em: <<https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/>

cogitar que em 1892 havia apenas certa de 775 pessoas alfabetizadas entre a população urbana feirense, e aproximadamente 16% destas frequentava a biblioteca com certa regularidade.

O cinema também se fez presente em Feira já em fins do século XIX. Tratava-se de companhias itinerantes que realizavam exposições fílmicas. Antes delas, registram-se as que traziam os symphoramas²⁵, como a “importante casa comercial da capital Gallo Junior & C” que abriu no “salão térreo do Teatro Santana” uma exposição de joias, sedas “e modernos e aperfeiçoados aparelhos do imortal Edison [...]”²⁶. Essa empresa, oferecia “150 vistas do que há de mais raro e admirável na culta Europa”, entre as quais, algumas do Museu do Louvre²⁷. E em um curto espaço de tempo, após as primeiras exposições públicas em Paris, os feirenses e visitantes já podiam experimentar os cinematógrafos. Em *O Propulsor*, uma pequena nota aponta o início do período de uso do Teatro Santana como espaço para reprodução de imagens por meios de películas²⁸ como sendo 1899, quando se anunciou “Amanhã às 8 horas da noite, funcionará no teatro desta cidade o cinematografo, expondo a apreciação do público lindas e custosas cenas”²⁹, naquela que foi definida por Costa como fase do Primeiro Cinema, quando

os primeiros filmes estavam pouco preocupados em apresentar um enredo ou desenvolver ideias. O objetivo era apresentar a própria máquina do cinema, mostrar a novidade de suas imagens, sua inédita capacidade de reproduzir o movimento das coisas e ao mesmo tempo enganar os olhos. Surpreender o espectador, chocando-o tanto pelo realismo das imagens como pelas súbitas desapareições e transformações que só o cinema permitia.³⁰

sites/61/2018/05/Ana-Em%C3%ADlia-Cordeiro-Souto-Ferreira_-Carlos-Henrique-de-Carvalho.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022

²⁵ Symphorama, uma das máquinas precursoras do cinematógrafo. Para saber mais sobre práticas que caracterizaram a comercialização de vistas fixas de lanterna mágica exibidas em espetáculos públicos de projeções ópticas, ver TRUSZ, Alice Dubina. O cruzamento de tradições visuais nos espetáculos de projeções ópticas realizados em Porto Alegre entre 1861 e 1908. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v.18. n.1. p. 129-178. jan.- jul. 2010.

²⁶ PHONOGRAPHO, gramophone e symphorama. *O Propulsor*. Feira de Santana, n. 47, 5 set. 1897. p. 2.

²⁷ Idem, ibidem.

²⁸ Existia um entendimento, a partir de algumas pesquisas, que o Teatro Santana teve sua primeira exibição de filmes apenas no final da primeira década do século XX.

²⁹ CINEMATOGRAFO. *O Propulsor*, Feira de Santana, n. 164, 3 dez. 1899. p. 1.

³⁰ COSTA, 1995.

Por conta de tais características, as apresentações dos cinemas podiam ocorrer em diferentes locais, como na biblioteca pública ou mesmo em residências (para grupos mais seletos), mas foi sem dúvida no teatro que as exibições cinematográficas ocorreram com maior regularidade, chegando a integrar as atrações mais usuais daquele espaço. A partir 1910 essa atração tornou-se mais constante, quando a cidade recebeu o Cinema Brasil e o Cinema Elo de Ouro. Em 1911, foi a vez do Cinema Alemão. No ano seguinte, estreou o Cinema Vitória, e todos valeram-se do Teatro Santana para suas exibições³¹. Nesse período, portanto, a alusão a cinemas não diz respeito a “espaços físicos, mas ‘apenas’ [a] empresas”, cujos proprietários adquiriam “um aparelho de projeção cinematográfica (portátil) e que, com tal equipamento, realizava exibições”, como adverte Sacramento³².

A movimentada praça feirense era igualmente atrativa para as companhias de artes circenses. As primeiras menções a esse tipo de espetáculo, localizadas nos periódicos feirense, ocorreram em 1882. Anunciava-se então a chegada, da “[...] capital desta província”, após passagem pela “corte” (Rio de Janeiro), do circo equestre e zoológico, que possuía “excelentes animais”³³, mas é certo que grupos similares já haviam passado pela cidade antes. Em 1877, por exemplo, informa-nos Machado, o periódico soteropolitano *O Monitor* noticiou a estreia do “Circo Equestre: companhia ginástica Baiana” na capital da então província³⁴, e dada a proximidade entre as cidades, facilitada por meio dos vapores e pela linha regular da estrada de ferro, essa ou outras trupes circenses seguramente passaram por Feira de Santana, sem que os registros dessas estadias tenham persistido. Em 1896 o periódico local *O Propulsor* trouxe o primeiro registro da chegada de uma tourada à cidade³⁵, com o anúncio de que a companhia tauromáquica prometia apresentar-se no hipódromo local³⁶. Nesse mesmo prado, ocorreram “Grandes corridas, no ‘Jockey Club’ local”, promovidas pela Filarmônica 25 de Março³⁷. O aludido hipódromo, a propósito, foi construído em 1889, por um conjunto de acionistas locais³⁸ e os registros

³¹ SACRAMENTO, 2016.

³² Idem, *ibidem*. p. 5.

³³ NOTICIÁRIO. *O Progresso*, Feira de Santana, n. 01, 8 jul. 1882. p. 3.

³⁴ MACHADO, Aline Gomes. *A ginástica como prática educativa na Bahia (1850-1920)*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2018. p. 55-56.

³⁵ Para saber mais sobre as touradas em Feira de Santana, consultar Nunes (2021).

³⁶ TOURADAS! *O Propulsor*, Feira de Santana, n. 6, 20 nov. 1896. p. 4.

³⁷ MELLO; BRITO, 2018. p. 43.

³⁸ ESTATUTOS da sociedade anonyma Jockey Club Feirense. *Diário da Bahia*, Salvador, n. 249, 7 nov. 1889. p. 2.

existentes sugerem que funcionou até o final do século XIX ou início do XX, quando a área que o abrigava foi convertida em campo de futebol³⁹.

Essas diversas atrações, por sua vez, ensejavam ainda segmentos da microeconomia local, protagonizada sobretudo pelos mais pobres. Eram os vendedores e vendedoras de doces, pipocas e guloseimas, sempre presentes, e tão abundantes e chamativos naqueles pontos de diversão da cidade, que por vezes provocavam queixas (motivadas também pelo preconceito contra o labor das classes populares) dos jornais contra a sua atuação, como em nota do *Folha do Norte*, de 1909, quando reclamou o articulista: “Para as vendedeiras de doces da porta do teatro, chamamos a atenção da polícia e da administração daquela casa, pois, com a algazarra que fazem, muito mal se pode ouvir as apresentações”⁴⁰.

Este conjunto de aspectos da vivência lúdica, artístico-cultural-esportiva feirense, e a gama de atividades delas decorrentes, corrobora, como apontado anteriormente, o quanto a cidade, por seu tamanho e potencial econômico, tornou-se desde cedo um campo de grade atratividade para artistas individuais ou em grupo, que tinham no teatro o seu principal espaço de atuação, e como tal, o objeto de um necessário olhar mais detido, visando a compreensão das dinâmicas de lazer na cidade.

As primeiras experiências teatrais feirenses

Em “*O teatro na Bahia: da colônia à república 1800-1923*”, Sílio Boccanera Júnior⁴¹ lamenta que “nem nas bibliotecas, nem nos arquivos públicos se encontra o manancial necessário” à história do teatro baiano. Diz o autor, acerca do primeiro teatro baiano, São João, por exemplo, que os documentos a ele relacionados, restantes no Arquivo Público do Estado, remontam a 1837, embora se reconheça a sua existência desde 1812⁴², dado corroborado por periódicos da época⁴³.

Se os desafios de recuperação da história do teatro se mostram concretos em relação à capital baiana, apresentam-se ainda mais contundentes para com o interior do estado. O *Anuário Estatístico da Bahia* de 1924, por exemplo, aponta que 31 municípios baianos, aproximadamente 22% dos 144 municípios

³⁹ SPORT. *O Progresso*, Feira de Santana, n. 410, 22 dez. 1907. p. 1.

⁴⁰ NOTA. *Folha do Norte*, Feira de Santana, n. 9, 13 nov. 1909. p. 2.

⁴¹ BOCCANERA JÚNIOR, Sílio. *O Teatro na Bahia, da Colônia à República (1800-1923)*. Salvador: EDUNEB, 2008.

⁴² Idem, *ibidem*, p. 51.

⁴³ BAHIA. *Idade d'ouro do Brasil*, [s. l.], n. 39, 15 maio 1812. p. 3.

então existentes, possuíam “Casas de Diversões”, 55 (38%) não possuíam, e sobre os outros 58 (40%) não há informações sobre essa temática. Entre os estabelecimentos indicados em todo o estado, 45 eram das categorias teatro, cinema ou cineteatro, o que correspondia a 75% do total das casas de diversão, demonstrando a relevância desses espaços onde ocorriam espetáculos, exibições, festas, eventos etc. Feira de Santana detinha pouco mais de 2% desse quantitativo (Gráfico 1), como a maioria das outras cidades do interior citadas.

De acordo com Faria⁴⁴, na primeira metade do século XX, além de casas de espetáculos em Salvador, existiram teatros nas seguintes cidades do interior: em Santo Amaro o Teatro São Pedro, incendiado em 1910; em Valença; em Feira de Santana; em Juazeiro e em Ubatuba. A cidade de Caetité, no final do século XIX, também foi favorecida com esse equipamento de lazer⁴⁵. No caso de Feira de Santana, como já foi pontuado, há indícios da existência de um teatro já no início da década de 1840⁴⁶. Mas a mais antiga referência a um evento teatral propriamente dito só surge em 1878, quando o periódico *Echo Feirense* noticia a apresentação da companhia do Sr. Bernardino no “nosso teatro”⁴⁷.

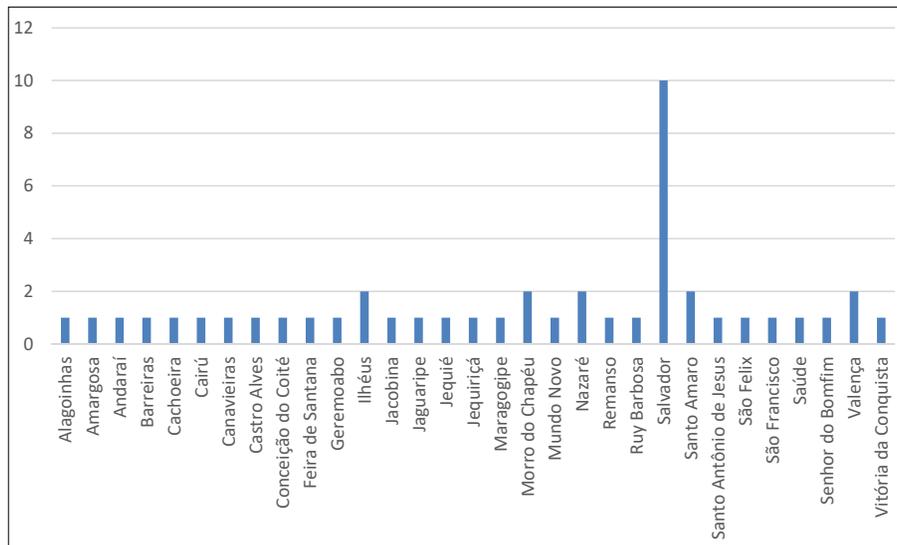
⁴⁴ FARIA, Karina de. *A saga de Celina: palco, picadeiro e rádio na trajetória de uma atriz nordestina*. Curitiba, CVR, 2020, p. 98.

⁴⁵ FERNANDES, Francielly Keyse Martins; REIS, Joseni Pereira Meira. O teatro como modo de educação e participação nas culturas do escrito em Caetité Bahia, no início do Século XX. *Revista Cocar*, Belém, v.15, n. 31, p.1-20, 2021.

⁴⁶ POPPONO, 1968.

⁴⁷ TEATRO. *Echo Feirense*, Feira de Santana, n. 4, 2 jul. 1878. p. 2.

Gráfico 1 – Quantitativo de cinemas, teatro ou cineteatro por município baiano em 1924



Fonte: NUNES, 2021b. p. 108 (adaptado)

A identificação nominal desse local como Teatro Santana, por sua vez, só viria a ocorrer em menção a ele feita pela coluna “Vida Feirense”, rememorando acontecimento (a abertura de um espetáculo no local pelos “moços do congresso dramático”) que teria ocorrido no ano de 1884.⁴⁸ É importante destacar que a coluna “Crônica feirense” (também chamada “Vida feirense”), foi produzida entre os anos de 1923 e 1952,⁴⁹ e trazia o registro de acontecimentos passados da história local “em forma de diário”⁵⁰. Esta edição da coluna, em específico, foi publicada em 1940. Logo, tem-se aí a identificação do Teatro Santana apenas de forma indireta, por assim dizer. Não temos como saber, categoricamente, se já possuía esse nome. O que temos é o memorialista que escreve a coluna em 1940 ‘chamando’ aquele espaço de Santana. Poderia já ser, de fato, ou pode ter sido apenas uma falha de memória. De todo modo, o registro existe e não pode ser ignorado. Uma alusão direta ao Teatro Santana,

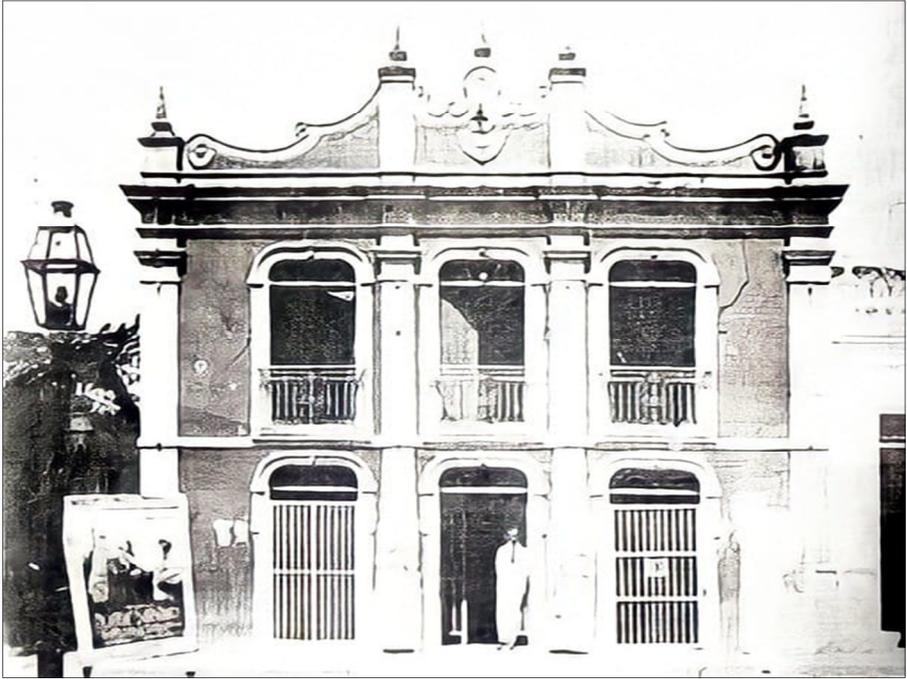
⁴⁸ VIDA Feirense. *Folha do Norte*, Feira de Santana, n. 1607, 27 abr. 1940. p. 1.

⁴⁹ MORAIS, Ana Angélica Vergner de. *Sant’Anna dos Olhos D’Água: resgate da Memória cultural e literária de Feira de Santana (1890-1930)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

⁵⁰ CAMPOS, Juliano Mota. *Entre Tinteiros e Palanques: a trajetória intelectual e política de Arnold Ferreira da Silva em Feira de Santana-BA (1909-1930)*. 2016. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016. p. 27.

como tal, só foi verificada em 1892, por meio do jornal *O Município*, que traz o nome do teatro como título da nota que trata de uma apresentação dramática naquele espaço⁵¹.

Figura 1: Cineteatro de Santana



Fonte: SANTOS, 2012. p. 103.

A questão que se coloca aqui é: seria a casa de espetáculos existente em 1840 a mesma depois identificada como Teatro Santana a partir, na melhor das hipóteses, da década de 1880? Embora inexistam registros de que essas diferentes referências remetem ao mesmo espaço, parece plausível fazer tal inferência em razão de alguns indícios. O primeiro deles diz respeito às características físicas do prédio. A imagem acima mostra a fachada do estabelecimento em algum momento da década de 1920, já como cineteatro. Como se vê, naquela ocasião o prédio já era antigo, tendo perdido o reboco da lateral direita, na altura do segundo pavimento. O outro aspecto a ser notado são os seus traços arquitetônicos marcados por elementos estilísticos do barroco

⁵¹ TEATRO Santana. *O Município*. Feira de Santana, n. 4, 21 abr. 1892. p. 2.

(como os pináculos, as volutas, as três portas de entrada e um frontão). Essas seriam características que se esperaria de uma construção da primeira metade do século XIX, quando o teatro feirense foi mencionado pela primeira vez, período ainda fortemente influenciado por esse estilo dominante na “segunda metade do século XVIII e princípios do século XIX”⁵². Por outro lado, uma construção da primeira metade do XIX certamente chegaria ao fim daquela centúria carecendo de medidas de conservação. E é precisamente isso que se verifica nos registros do alvorecer do século XX, quando o Conselho Municipal da cidade, em 13 de julho de 1900, aprovou “um auxílio da quantia de três contos de réis, para conclusão das obras do Teatro Santana, pertencente a Santa Casa de Misericórdia [...]”⁵³.

Outro indicativo da unicidade do teatro feirense é a ausência de qualquer alusão, na documentação encontrada, a mais de um desse estabelecimento na cidade. Nesse sentido, vale observar que o Teatro Santana estava situado na esquina da Rua Direita (atual Rua Conselheiro Franco), com a Rua 24 de Maio⁵⁴, sendo esta conhecida, na transição entre os séculos XIX e XX, como Travessa do Teatro⁵⁵ ou Beco do Teatro⁵⁶. Essa toponímia urbana só faz sentido num contexto em que, como observam Faggion e Misturini⁵⁷, os nomes populares oferecem uma visão da cidade a partir, entre outras coisas, dos seus “pontos de referência”. E um ponto referencial só será funcional se puder ser reconhecido em sua singularidade. Dito de outro modo, se houve diferentes teatros na cidade, não haveria uma travessa assim identificada. Considere-se ainda que, em tendo havido uma outra casa de espetáculos cênicos em Feira, no período, seria razoável esperar que essa fosse lembrada como o ‘antigo teatro’ em algum registro, ou mesmo que fosse citada quando da inauguração de uma ‘nova casa’, mas, como dito, não há menções dessa natureza. Isso se confirma, por sinal, em nota apresentada pelo periódico local *O Vigilante*, em 1885, quando se anunciou a “construção” de teatro para Feira. Diz a nota:

Há bem pouco tempo imprecava-se contra a vida insípida, apática, insuportável que nos ia afogando, visivelmente, no dilúvio

⁵² COSTA, Lúcio. A arquitetura dos jesuítas no Brasil. *ARS*. São Paulo, v. 8, p. 127-195, 2010. p. 157.

⁵³ LEI n. 42 de 13 de julho de 1900. *O Propulsor*, Feira de Santana, n. 197, 22 jul. 1900, p. 4.

⁵⁴ LAJEDINHO, Antônio do. *A Feira na década de 30: memórias*. Feira de Santana:[s.n.], 2004.

⁵⁵ INTENDENCIA municipal. *O Propulsor*, Feira de Santana, n. 90, 3 jul. 1898. p. 3.

⁵⁶ FEIRA DE SANTANA. Nomenclatura das ruas e praças da cidade de Feira de Santana. 1886-1902. Arquivo Público Municipal de Feira de Santana. Caixa 379. Feira de Santana, 1902.

⁵⁷ FAGGION, Carmen Maria; MISTURINI, Bruno. Toponímia e memória: nomes e lembranças na cidade. *Linha D'Água*, v. 27, n. 2, p. 141-157, 2014.

de suas águas. Uma das causas apontadas como produtores desse mórbido estado feirense era a falta de um teatro – a verdadeira e sumptuosa catedral que o progresso e a civilização edificaram no âmago de todas as épocas, para ensinamento dos bons costumes e da moral, enfim. Um grupo de bem inspirados e valentes corações propôs se a estancar essa artéria ruínosa e, com formidáveis sacrifícios, com dificuldades desproporcionais – um teatro, aliás muito confortável e capaz de nele funcionarem companhias regulares – foi construído.⁵⁸

Note-se que o articulista fala como se não existisse um teatro na cidade, mas já apontamos que apenas sete anos antes (em 1878) o periódico *Echo Feirense* anunciou espetáculos no “nosso teatro”. Nesse sentido, parece-nos plausível cogitar que o sentido de tal fala era, na verdade, a de que não havia um teatro em funcionamento naquele momento, talvez pela falência do empreendimento precedente, em algum momento anterior. Afinal, não nos esqueçamos, embora houvesse teatros públicos no século XIX⁵⁹, estes eram, em regra, negócios privados neste período, e como tal, dependiam de artistas para se fazerem atrativos e serem lucrativos. Uma só temporada sem a visita de grupos teatrais ou outras novidades à cidade, a despeito da sua facilidade de acesso, podia ser suficiente para determinar o encerramento das atividades daquele negócio. Se assim o for, e os indícios apontam fortemente nessa direção, o articulista falava, de fato, na “construção” de um novo negócio, e não de um processo de levantamento do prédio do nada, pois o prédio em si já existia. Sua reestruturação deve ter envolvido uma reforma e a reinauguração, aí então, e só então, como Teatro Santana.

De todo modo, aquele era um novo empreendimento privado, levado a cabo por “bem inspirados e valentes corações”, possivelmente da própria localidade que, juntos, investiram recursos comprando ações para viabilizar a sua estruturação, talvez em moldes similares ao processado quando da construção do já citado hipódromo do *Jockey Club*. Os acionistas que levantaram o capital do negócio, objetivavam lucro, mas pretendiam alcançar tal intento ofertando à comunidade luzidas noites de divertimento e, de resto, contribuindo para a aproximação da urbe com o que se dizia ser civilizado culturalmente. Seja como for, essa iniciativa mostra indubitavelmente que a cidade contou com pelo menos dois empreendimentos privados no ramo

⁵⁸ A NOSSA decadência. *O Vigilante*. Feira de Santana, n. 196, 16 ago. 1885. p. 1-2.

⁵⁹ Como o Teatro São João, na Capital baiana. Cf. BOCANERA JÚNIOR, 2008.

teatral no decurso do século XIX, ainda que ambos tenham, ao que tudo indica, funcionado no mesmo espaço físico, em momentos diferentes.

Embora tenha existido por muitos anos, é difícil precisar o grau de sucesso financeiro auferido pelo Teatro Santana e seus mantenedores, mas é certo que se mostrou um negócio pelo menos viável. Essa leitura é reforçada pela notícia veiculada em 1888, pelo periódico *Cidade da Feira*, pedindo “aos acionistas da empresa Teatro Santana, que ofereçam suas ações em benefício da Santa Casa de Misericórdia”⁶⁰. A Santa Casa era uma instituição beneficente, criada em 1859, que, assim como outras pelo país, sobrevivia do trabalho voluntários de seus associados⁶¹, de doações individuais e de outras instituições (os espetáculos a benefício relatados, nos jornais, são incontáveis⁶²), e dispunha de valores arrecadados com bens que administrava, como o cemitério da cidade e edifícios⁶³. Adquirir uma “casa de diversões” (termo da época) com potencial amplificador das finanças era desejável, mas tal movimento só faria sentido se aquele empreendimento fosse de fato rentável. O que parece ter sido o caso, pelo menos até o final do século XIX, quando a Santa Casa assume a propriedade do imóvel, após vencida a etapa de doações das ações⁶⁴.

Em relação à estrutura física, o CineTeatro Santana, como passou a ser denominado em 1919⁶⁵, dispunha de uma porta frontal larga, destinada à entrada, e outras duas portas na frente, destinadas às saídas, entre elas, ficavam duas bilheterias. No mezanino, existiam três janelas na parte superior; com a chegada do cinema, as duas laterais foram fechadas e a central foi transformada em seteiras, onde instalaram o cinematógrafo. Mobiliado com cadeiras, o espaço destinado à plateia trazia uma divisória nas proximidades do palco. Nas laterais, suspensos, ficavam os camarotes, sendo especiais os do mezanino. Tudo isso, ocupando área aproximada de 600 a 800 metros quadrados⁶⁶. A mencionada adaptação do espaço para receber os equipamentos

⁶⁰ VIDA Feirense. *Folha do Norte*, Feira de Santana, n. 1585, 25 nov. 1939. p. 1.

⁶¹ Os associados contribuía, muitas vezes, com quantias mensais ou valores maiores em cota única para “Sócios Beneméritos” e outras distinções.

⁶² Conferir: SILVA, Aldo José Morais. A Beneficência Compulsória nas apresentações artísticas em fins do século XIX e início do XX. *História e Cultura*. v.12, n.1, jul, 2023.

⁶³ Ver: CERQUEIRA, João Batista de; SOUZA, Maria Lúcia. *Memorial histórico da Santa Casa de Misericórdia. 1859-1954*. Feira de Santana, Bahia: Print Mídia Editora, 2009; CERQUEIRA, João Batista de. *Assistência e caridade: a história da Santa Casa de Misericórdia de Feira de Santana - 1859-2009*. 2.ed. Feira de Santana, Bahia: Print Mídia Indústria Gráfica e Editora, 2009.

⁶⁴ CERQUEIRA; SOUZA, 2009.

⁶⁵ SACRAMENTO, 2016.

⁶⁶ LAJEDINHO, 2004.

cinematográficos mostra bem a diversidade de atividades desenvolvidas no Santana. Como já foi pontuado, nas suas diferentes fases o teatro recebeu, além das esperadas apresentações de grupos dramáticos, cantores, musicistas, palestrantes e poetas ao logo do século XIX. O então CineTeatro Santana estendeu seu funcionamento sem concorrência por praticamente toda a primeira metade do Século XX, período durante o qual passou por pelo menos duas reformas, perceptíveis nas mudanças do estilo arquitetônico da fachada, que passa a apresentar características de diferentes fases do *Art déco*⁶⁷, como mostram as figuras seguintes.

Figura 2: Fachada do Cineteatro Santana, década de 1930



Fonte: <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/secom/noticias.asp?idn=19410>

⁶⁷ CORREIA, Telma de Barros. Art déco e indústria: Brasil, décadas de 1930 e 1940. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 16, p. 47-104, 2008.

Figura 3: Fachada do Cineteatro Santana, final da década de 1940



Fonte: <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/secom/noticias.asp?idn=19410>

A prevalência do Santana durou até março de 1946, quando outro estabelecimento do gênero, o Cineteatro Iris, abriu suas portas ao público. Fato que também determinou o ocaso do antigo teatro, cuja estrutura oitocentista (sem banheiros e com sistema de som antiquado) deixou de atrair o público, como observa Santos (2012), o que levou a sua extinção em algum momento do início da década de 1950, mas não sem ter sido uma referência para os grupos e a atividades artísticas da cidade.

Os grupos teatrais em Feira de Santana

Como apontado previamente, desde 1878 têm-se registros de companhias teatrais atuando em Feira de Santana, embora seja certo que elas se tenham feito presentes existido nas décadas anteriores, dada a existência do próprio teatro. Em 1885 registra-se a chegada à cidade, após passagem pela capital, do grupo dramático de Viera Villas, com seu “importante e moralizador drama”⁶⁸ Essa era mais uma das muitas companhias itinerantes que se deslocava em apresentações pelo país, passando por Feira de Santana. Essa, em

⁶⁸ TEATRO: Novidade! Novidade! *Correio de Notícias*. Feira de Santana, n. 16, 25 out. 1885. p. 4.

particular, após exibir-se em Salvador, propagandeou que, como era renomada “em outras províncias a Feira de Santana, não quis a companhia retirar-se sem que lhe fizesse uma visita.”⁶⁹. Como ocorria em outras cidades brasileiras⁷⁰ receber ‘companhias viajadas’ era algo valorizado nessas notícias, pois passava à comunidade a ideia de estar recebendo uma atração de status nacional, quiçá internacional, de sorte que no caso da companhia de Villas, ao mesmo tempo em que era apresentada como capaz de “nos dar noites agradabilíssimas”⁷¹, também era identificada como famosa em outras províncias, além de contar com a participação da “exímia atriz portuguesa, Roza Manhonça”⁷².

Estudos variados apontam outras passagens de companhias itinerantes por Feira de Santana nesse período. Sampaio⁷³, por exemplo, indica a presença desses grupos em 1892 e 1912. Registra-se a presença da “companhia dramática dirigida pela atriz portuguesa d. Helena Balsemão”, em 1888⁷⁴. Ademais, a cidade era agraciada com visitas de companhias regionais, como a “aplaudida companhia dramática, cujo diretor era o conhecido e festejado ator sr. Hyppolito de Carvalho”⁷⁵, com espetáculos realizados em 1892⁷⁶, aparições em 1897⁷⁷, algumas exibições em 1898⁷⁸ e em 1906⁷⁹.

Seguem informações (Tabela 1) mais pontuais sobre a atuação das companhias teatrais na cidade, no período tratado neste artigo.

⁶⁹ COMPANHIA Dramática. *Correio de Notícias*. Feira de Santana, n. 16, 25 out. 1885. p. 1.

⁷⁰ LIMA, Camila Imaculada Silveira. Nos palcos de Fortaleza: o teatro em seus aspectos culturais, sociais e políticos na capital cearense no início do século XX. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA. 20. *Anais*. Franca (SP): ANPUH, 2010. Disponível em: <<http://legacy.anpuh.org/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Camila%20Imaculada%20Silveira%20Lima.pdf>>. Acesso em: 31 dez. 2022.

⁷¹ COMPANHIA... 1885. p. 1.

⁷² TEATRO... 1885. p. 4.

⁷³ SAMPAIO, 2000.

⁷⁴ MELLO; BRITTO, 2018, p. 49.

⁷⁵ ESPECTATULO. *O Propulsor*, Feira de Santana, n. 67, 23 jan. 1898. p. 2.

⁷⁶ TEATRO... 1892.

⁷⁷ THEATRO. *O Propulsor*, Feira de Santana, n. 19, 20 fev. 1897. p. 2; NOTAS Alegres. *O Propulsor*, Feira de Santana, n. 26, 10 abr. 1897. p. 1.

⁷⁸ ESPECTATULO, 1898; THEATRO. *O Propulsor*, Feira de Santana, n.73, 6 mar. 1898. p. 2.

⁷⁹ THEATRAES. *O Progresso*, Feira de Santana, n. 328, 13 maio 1906 p. 1.

Tabela 1 - Companhias teatrais e espetáculos realizados em Feira de Santana (1878-1922)

Registro Nº	Ano do Registro*	Quantidade de companhia	Quantidade de espetáculos
1	1878	1	1
2	1884	1	1
3	1885	3	6
4	1888	1	1
5	1892	2	5
6	1896	1	5
7	1897	1	5
8	1898	1	6
9	1900	3	4
10	1902	1	7
11	1903	1	2
12	1905	1	1
13	1906	2	8
14	1907	2	2
15	1909	2	7
16	1910	1	1
17	1911	1	9
18	1912	3	6
19	1913	2	3
20	1920	1	4
21	1921	1	2
22	1922	2	2
Totais		34	88

*Foram suprimidos os anos para os quais não há dados disponíveis

Fonte: Jornais (1878-1922): *Correio de Notícias, O Município, Echo Feirense, O Propulsor, O Vigilante, O Progresso, Folha do Norte.*

Como se constata, entre os anos de 1878 e 1922, Feira de Santana teve em média 1,5 companhias promovendo espetáculos a cada ano. Ou seja, pode-se cogitar uma média aproximada de 4 espetáculos anuais chegando à cidade

a cada ano, pelo menos desde 1876, quando a estrada de ferro foi inaugurada. Esses índices, vale lembrar, indicam apenas os quantitativos mínimos dessa atividade, pois resultam exclusivamente dos registros encontrados, considerando que não foram localizados registros referentes a 22 anos dos 45 anos abarcados pelas balizas inicial e final desse levantamento, muito frequentemente devido a inexistência ou ao baixo quantitativo de números de periódicos para consulta nesses anos específicos. Em outras situações, não foi encontrada qualquer propagando ou comentários sobre peças realizadas na cidade.

Para além da falta de registros, contudo, o número de espetáculos foi seguramente maior também em razão do fato de que apenas os espetáculos tidos como adequados ou edificantes (aqueles capazes de contribuir para o que se entendia ser o aprimoramento da conduta moral da sociedade, como se verá adiante), recebiam espaço na imprensa. Apresentações populares, cuja natureza ou temática não estivessem em linha com o suposto papel civilizador do teatro eram ignoradas ou, quando muito, eram objeto das falas condenatórias dos articulistas. Em outras localidades do país, a vida cultural local era também movimentada por companhias de teatro, de fora e ou local, e seus espetáculos. Em Ouro Preto/MG, por exemplo, nas últimas três décadas do XIX a frequência foi de ao menos 66 grupos, dando uma média de mais de dois por ano, sendo o número de espetáculos ainda maior devido ocorrerem mais de uma apresentação, o que foi verificado por Bibbó e Rosa⁸⁰, a partir da análise do pagamento de licenças à Câmara Municipal.

Todavia, apenas grupos teatrais profissionais e itinerantes cuja atuação fosse tida como adequada eram, como visto, aguardados e valorizados. Mas por sua própria natureza essas companhias não podiam sustentar a atividade do teatro, a não ser pelos breves períodos de suas estadias na cidade. Coube também a grupos amadores locais dar vida mais regular, por assim dizer, ao teatro feirense, dentro dos padrões morais desejados, conforme o papel educativo atribuído ao teatro nesse período.

Nesse sentido, foi possível identificar seis grupos amadores locais: Grêmio Dramático Familiar (1892), União Caixerai (1900), Grupo Dramático Taborda (1906), Grêmio Dramático Rio Branco (1910), Grêmio Arthur Azevedo

⁸⁰ BIBBÓ; ROSA, 2022.

(1912) e Grupo Dramático Salles Barbosa⁸¹ (1920)⁸². Esses grupos eram vistos e reconhecidos como “entidades locais que exercitavam a arte teatral”⁸³. O trecho de uma crônica de Eurico Alves Boaventura, poeta e cronista modernista feirense, retrata bem o prestígio que esses grupos tinham na cidade:

Propaga-se que, hoje haveria representação teatral? Companhia do Rio? Da Bahia? Qual nada! Exibir-se-ia o grupo dirigido por Miguel Santiago. [...] Acabava o espetáculo do grupo Taborda. E toda gente saía comentando respeito à atuação de tanto rapaz da terra⁸⁴.

Isso embora, conforme afirma Penna-Franca (2016) ao analisar grupos amadores da cidade do Rio de Janeiro, essas sociedades particulares fossem para além de espaços de socialização e solidariedade, também de tensões, disputas e de interesses diversos, ocasionando, por isso, um trânsito neles das pessoas, que eram de diferentes grupos sociais. Parte dos grupos profissionais, conforme antecipamos, e seguramente os amadores tinham, pelo menos até o início da década de 1920, uma atuação moldada por uma perspectiva didática. As companhias eram apresentadas (e cobradas) como instrumentos para a educação da comunidade, segundo valores e princípios tidos como desejáveis, frequentemente inspirados pela cultura e padrões europeus. Nesse sentido observa Figueredo:

O palco deveria [...] reproduzir o incentivo à virtude, para cumprir seu papel educativo ensinando bons costumes, boa linguagem, literatura e moralidade, contra a dissolução social. Nas décadas iniciais do século XX os dramaturgos são diretamente influenciados por tais premissas. A modernidade estava estritamente ligada com a dinâmica europeia (de alguns países em especial, como a França e a Itália) e também aos Estados Unidos. Deste último o teatro se viu influenciado pelos musicais e pela comédia. Por mais que nesse período existisse o teatro de rua e o teatro de revista (conhecido como o teatro ligeiro e popular, que surge na segunda metade do século XIX), a arte ainda estava ligada a uma hierarquia cultural, e de um modo geral, até

⁸¹ Ou “Sociedade de Arte Teatral Sales Barbosa”, termo usado por um dos fundadores desta agremiação teatral, Elziário Santana. Cf. LIMA, Geraldo. *O teatro em Feira de Santana*. Feira de Santana: [s.n.], 2015, p. 19.

⁸² SAMPAIO, 2000; SANTOS, 2012.

⁸³ FARIA, 2020, p. 95.

⁸⁴ BOAVENTURA, Eurico Alves. *A Paisagem Urbana e o Homem*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006. p. 89.

então o teatro era tido como um meio de elevar os espíritos na sociedade.⁸⁵

Não surpreende, portanto, que a citada companhia de Viera Villas tenha tido seu espetáculo “a Virgem do Mosteiro”, considerado um drama moralizador, identificado como o que obteve “tanta aceitação [...] no mundo civilizado”⁸⁶. Com se verificou, o apelo à origem ou à vinculação europeia continuava conferindo *status* às companhias, como mostra *O Propulsor*, em 1896, ao anunciar os espetáculos de uma “Companhia Europeia de Variedades”⁸⁷. A defesa desses valores e de referenciais civilizatórios, a eles associados, era feita basicamente por integrantes das camadas mais abastardas da sociedade local, pois eram esses os segmentos que cobravam das companhias itinerantes que trouxessem sempre propostas de espetáculos tidos como edificantes para a comunidade. Ademais, eram os filhos de pessoas desse extrato social que compunham frequentemente as companhias teatrais locais, sempre medidas e avaliadas por sua atuação moralizante. A Figura seguinte, de 1912, mostra um desses grupos, o Taborda, e dá uma boa ideia do perfil dos atores amadores. É particularmente notável, a propósito, que a trupe fosse exclusivamente masculina, já que mesmo a figura que traça vestimentas femininas era um homem.

Figura 4: Grupo Taborda



Fonte: *Folha do Norte* (8 jun. 1912. p. 1).

⁸⁵ FIGUEREDO, 2019. p. 7.

⁸⁶ COMPANHIA... 1885. p. 1

⁸⁷ TEATRO. *O Propulsor*, Feira de Santana, n. 7, 29 nov. 1896.p. 2.

Todavia, o espaço do teatro não era utilizado apenas para esse tipo de atividade artística, e seus diferentes gêneros (dramáticos, de cavalinhos/ equestres...), mas também para realização de festivais, concursos, palestras, bailes, projeções, festas, englobando ações musicais, literárias, filmicas, científicas, ilusionistas etc., como mostram, por exemplo, os estudos de Silva⁸⁸ (2018), e Bibbó e Rosa⁸⁹ ao abordarem o teatro em cidades de Minas Gerais, o que ampliava e diversificava não só o repertório cultural mobilizado, quanto o público participante.

O público do teatro

Pensar o público de uma casa de espetáculos, seu número e perfil, tem muito a ver com reconhecer o tipo e frequência de apresentações a que se propunha desenvolver. O público frequentador do teatro feirense era seguramente variado, pois tendo sido o único teatro na cidade, na maior parte do período desse estudo, não tinha como se especializar em um estilo específico, o que implica dizer que suas atrações distintas atraíram também diferentes plateias. Além disso, vale lembrar, era o teatro um empreendimento comercial que dependia do maior volume possível de pagantes para se manter. Então, ainda que houvesse um discurso que associava o teatro (e depois o cinema, no caso de Feira⁹⁰), e sua programação a um papel educativo e civilizador da sociedade, dentro de um padrão de conduta moral, frequentemente conservador e cristão-católico, associado às elites locais, havia também um rol de atrações voltadas para os segmentos populares mais volumosos, em contraposição às atividades destinadas aos mais abastados (menos numerosos), seja pela temática, seja pelos preços cobrados, como forma de afirmação e distinção social.

Havia, de todo modo, a expectativa de que prevalecesse aquele teatro moral e de que ele alcançasse as massas. Em 1923, por exemplo, em sua monografia sobre a história do teatro na Bahia, Boccanera Júnior cobrou das autoridades a regulamentação de medidas nesse sentido, citando a experiência feita pelo *People's Institute* de Nova York. Segundo esse autor, “reconhecendo a eficaz educação que proporciona o teatro, [dirigentes do dito instituto] entraram em acordo com os proprietários dos principais teatros de Nova

⁸⁸ SILVA, Igor Maciel da. *Elas se divertem (Barbacena - MG, 1914 a 1931)*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizontes, 2018.

⁸⁹ BIBBÓ; ROSA, 2022.

⁹⁰ Em diferentes cidades os espaços receberam nomeações como teatro, teatro-cinema, cine-teatro, cinema etc., o que implica a importância de se compreender as interseções entre as atividades artísticas no âmbito local também.

York, obtendo a redução de 75% nas entradas.” Com a redução dos valores, ampliou-se “extraordinariamente a concorrência aos teatros, calculando-se que, no ano de 1909, cento e vinte mil indivíduos, munidos de bilhetes reduzidos, puderam assistir aos espetáculos”, o que, ainda segundo esse estudioso, poderia ser experimentado no Brasil “em favor da classe proletária”⁹¹. Em Feira, na década de 1920, uma estratégia próxima foi adotada em relação à exibição de filmes para o grande público. Sobre tal arranjo conta-nos Santos:

as segundas eram sessões destinadas para os setores populares da cidade, onde os filmes de aventuras, policiais, de terror e de cowboy eram apresentados, e os mais preferidos pelo público nesse dia. Desde a década de 1920, era uma prática do Cine-Teatro Santana em disponibilizar uma sessão para o público popular, e daí que tanto pessoas das elites como de outros segmentos frequentavam o mesmo cinema. No entanto, os domingos eram sessões de gala, próprias para as elites feirenses⁹².

De todo modo, havia a sempre presente preocupação com a qualidade do público e dos espetáculos ocorridos no teatro. Tal cuidado, reconhecível também na mencionada fala de Boccanera Junior, relacionava-se ao fato de que, pelo menos desde meados do século XIX, o teatro baiano vinha sendo visto como “degradado, cheio de vícios e imoralidades”, segundo Bastos⁹³. E tal condição resultava da incorporação de espetáculos de caráter popular, como os de dança do lundu. Em relação a isso, ainda segundo Bastos “para os que defendiam que o teatro deveria ter um fim educativo, ser escola da moral e dos costumes, esta dança seria lúbrica e erótica, devendo ser então reprovada”⁹⁴.

Não há razão para supor que espetáculos populares desse tipo, ou pelo menos envolvendo tais elementos, não tenham tido lugar também no teatro feirense, a despeito do silêncio dominante sobre eles nas fontes. Mas foi provavelmente de tais atividades ‘reprováveis’ que tratou a nota emitida pelo *O Progresso*, em 1901, em que se afirma ter sido pequena a procura pelos espetáculos da companhia teatral de J. Paulo, então na cidade. O articulista atribui tal fenômeno à “inconveniência de serem peças bastante livres” as apresentadas por aquele grupo, e de terem algumas delas já sido proibidas pela polícia da

⁹¹ BOCCANERA JÚNIOR, 2008, p. 31.

⁹² SANTOS, 2012. p. 125.

⁹³ BASTOS, Fernanda Villela. *Quando os intelectuais “roubam a cena”*: o Conservatório Dramático da Bahia e sua missão “civilizatória” (1855-1875). 2014. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014. p. 11.

⁹⁴ Idem, *ibidem*. loc. cit.

Capital, pelo que conclui estar o Sr. J. Paulo “abusando do público feirense”, ao passo em que requisita ao comissário de polícia que providencie para que as peças em questão “não sejam representadas”⁹⁵.

Não há notícia de que a tal intervenção policial tenha ocorrido, e parece-nos pouco provável que as apresentações marcadamente “livres” da companhia tenham sido de fato tão desprestigiadas como sugere o articulista. Tampouco o comportamento do público feirense, fosse qual fosse o extrato social de que viesse, foi tão modelar como desejavam os arautos locais da civilidade. E alguns episódios dão conta dessa contradição. Num deles em 1897, registrado pelo *O Propulsor*, um guarda livros⁹⁶ lançou um foguete próximo ao teatro que “ofendeu fisicamente uma rapariga, que vendia doce”, e alguns dos presentes chegaram a “ter de lembrar que num lugar, onde se reúne a fina flor da cidade, mormente senhoras, deve haver respeito”⁹⁷. Noutra ocasião, em 1909, o *Folha do Norte* registrou a realização do espetáculo “Luiz, o pintor, ou, A mulher adúltera”, acerca de um caso extraconjugal feminino e do embate entre o marido e o seu rival que acaba morto por aquele, ao passo em que sua esposa acaba abandonada ao próprio remorso. O articulista, porém, ressalta cuidadoso: “Toda essa urdidura é feita em linguagem elevada, pondo em relevo o castigo que recebe e o remorso que vem a sofrer a esposa desviada do caminho da honra do qual nunca se deve afastar, sejam quais forem as vicissitudes da vida, no correr de sua existência”⁹⁸. Mas a despeito de toda a preocupação em assegurar o papel educativo e moralizante daquele tema delicado, a mesma edição traz, em trecho adicional identificado como “Notas à parte”:

Cumprindo a nossa missão de imprensa civilizadora e doutrinária, sentimos dizer que a plateia começou a exceder um pouco os limites da tolerância, sendo preciso que o [...] delegado de polícia pedisse ordem, pedido que foi reiterado com alguma aspereza o que a plateia achou excessivo, dando lugar a protestos.

O articulista ainda segue comentando sobre como deveria se comportar uma plateia em um teatro, de modo a se evitar episódios de “pilhéria

⁹⁵ TEATRO. *O Progresso*, Feira de Santana, n. 65, 23 mar. 1901. p. 1.

⁹⁶ Guarda-livros eram as pessoas que trabalhavam no comércio de alguma forma gerenciando os negócios, “cuidava das finanças da casa [...] muitas vezes tão maldito na literatura quanto o próprio patrão”. Cf. POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca, 1850-1911*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 35.

⁹⁷ TEATRO. *O Propulsor*, Feira de Santana, n. 36, 19 jun. 1897. p. 2.

⁹⁸ NOTICIÁRIO: Teatro. *Folha do Norte*, Feira de Santana, n. 6, 22 out. 1909. p. 1.

excessiva” do público, como o relatado. Chama a atenção, contudo, o fato de que a plateia não aceitou de bom grado as repreendas do delegado, indicando algum grau de resistência ao modelo idealizado de conduta, então apregoadado. Sacramento apontou que os comportamentos tidos como impróprio foram denunciados até a década de 1920. Naquele momento, segundo a autora, Raul Silva, o então arrendatário do Cineteatro Santana, cobrava a atenção da polícia para o controle dos frequentadores da casa de espetáculos da cidade. Citando ainda o próprio Raul, afirma Sacramento que o problema residia na:

[...] forma indecente e revoltante por que se conduzem, durante as exhibições, alguns rapazelhos sem educação”, que fumavam no cinema e faziam muita “algazarra”, “além dos assobios e chilros que sublinham e acanalham certas cenas”. Não era a primeira vez que o Folha do Norte pedia, também, o veto de ingressos para rapazes desse “tipo”.⁹⁹

Outros exemplos poderiam ser acrescentados a esses, mas em conjunto apenas reforçariam que, como dito, apesar da aposta no papel educativo e transformador do teatro, na prática, em Feira de Santana, como alhures¹⁰⁰, esse espaço foi muito mais um campo de expressão espontâneo de lazer, flertes e desconcentração para os vários segmentos da sociedade, do que o lócus formador e confirmador do padrão de sociabilidade desejado pelos ideólogos da civilidade. Fossem nas noites de gala reservadas às elites locais (que serviam também para afirmar o lugar de distinção e prestígio social de seus frequentadores), fossem nas sessões populares, a diversão é que dava o tom da dinâmica social.

Não há registros, nas fontes mobilizadas, que nos permitam avaliar os números relacionados à frequência do teatro feirense, embora existam notícias sobre espetáculos sem público e outros com casa cheia. Um parâmetro possível, contudo, para uma mensuração do volume de público consiste no custo dos ingressos para os espetáculos. Havia, compreensivelmente, variação no preço conforme a atração. Em 1907 uma companhia teatral anunciou espetáculo destinado a arrecadar fundos para uma das filarmônicas locais, tendo ingressos no valor de mil réis¹⁰¹. Naquele mesmo ano, meses depois, uma companhia teatral japonesa, em visita à cidade, anunciou sua apresentação

⁹⁹ SACRAMENTO, 2017. p. 53.

¹⁰⁰ Ver, dentre outros, FERREIRA, 2019; SOARES, Priscila Goncalves. História das práticas corporais e diversão na zona da mata mineira: indícios a partir da imprensa de Cataguases/MG e Juiz de Fora/MG. *LICERE: Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v. 21, n. 4, p. 405-428, 2018.

¹⁰¹ FILARMÔNICA 25 de Março. *O Progresso*, Feira de Santana, n. 377, 5 maio 1907. p. 1.

com ingressos a dez mil réis o camarote e três mil réis a cadeira¹⁰². Tal variação de preços fazia de alguns espetáculos programas reservados aos mais abastados, mas isso apenas confirma que o teatro tinha programações variadas, para diferentes gostos e perfis socioeconômicos.

Sobre os valores dos ingressos¹⁰³ levantam várias possibilidades, como a influência do tempo de duração do espetáculo ou a origem da companhia, sendo o preço das de fora mais caro. Já Souza, ao falar do “teatro alegre”, ou das peças pouco confiáveis, segundo os valores moralizadores, destaca não a ação educativa, mas os lucros de quem promovia ou atuava, o que supostamente podia também interferir no valor do ingresso. Cabe questionar, contudo, qual o custo relativo de tais ingressos? Eles eram acessíveis à maioria? A forma mais eficaz de responder a isso é tentar estabelecer comparativos. O melhor parâmetro localizado para isso vem em coluna “feira”, publicada pelo *O Município*, em 30 de junho de 1908, onde o periódico informa alguns preços praticados na feira semanal, dentre os quais podemos destacar o custo de alguns itens básicos de alimentação (Quadro 1):

Quadro 1: Custo de itens de alimentação em Feira de Santana, em outubro de 1908

Item de alimentação / medida de referência	Custo registrado
Farinha (20 litros)	2 a 3 mil réis (ou 100 a 150 réis por litro)
Feijão (20 litros)	7 a 8 mil réis (ou 350 a 400 réis por litro)
Milho (20 litros)	3 a 4 mil réis (ou 150 a 200 réis por litro)
Carne verde (Kg)	500 réis
Charque (Kg)	1 a 1,2 mil réis
Ovos (dúzia)	800 réis

Fonte: FEIRA. *O Município*, Feira de Santana. n. 6, 30 jun. 1908, p. 3.

Tomados esses custos, um ingresso de teatro mais acessível correspondia a dois quilos de carne verde ou dez litros de farinha, ou ainda a cerca de três litros de feijão. Na mesma linha, a ausência de recursos financeiros para a compra de outro item básico, aliás essencial, a água, era sentida em uma nota, dizia que moradores estavam “quase a sofrer sede, porque nem toda a gente

¹⁰² TEATRO Santana. *O Progresso*, Feira de Santana, n. 197, 22 set. 1907. p. 2.

¹⁰³ BIBBÓ; ROSA, 2022.

pode pagar cem a duzentos reais por um barril de água das fontes particulares”¹⁰⁴. A soma de \$100 (100 réis) que estava sendo questionada, equivalia a 10% do valor do lugar mais simples na assistência de uma peça teatral, a plateia que custa regularmente 1\$000 (mil-réis). É certo que para os muito pobres, para os quais a fome ou inexistência de água potável sempre foi, historicamente, uma possibilidade contra a qual se lutava quotidianamente, o preço de qualquer elemento supérfluo era tido como proibitivo. Mas ao que tudo indica, pelo menos os espetáculos mais baratos eram, de fato, itens de consumo possíveis mesmo para os menos privilegiados, ainda que esporadicamente.

Tal percepção é reforçada se levarmos em conta os dados disponíveis sobre os ganhos dos trabalhadores do período. Considere-se para esse fim que, no final do século XIX, a imprensa local registrava que os trabalhadores dos armazéns da cidade recebiam por dia algo entre quatro e cinco mil réis, o que era considerado muito pouco. Dizia ainda o jornal *O Propulsor* sobre outra categoria: “os pobres empregados da empresa central recebem a esmola de 1\$500 rs. isto é em moeda corrente [...] ao tempo que consomem os infelizes proletários, 12 horas de trabalho diário, e sempre serviço á noite”¹⁰⁵. Ou seja, considerando a média mensal de 22 dias úteis, os salários variavam, em 1898, de trinta e três mil a cento e dez mil réis por mês. E para esse grupo o valor mais barato de ingresso em 1907 teriam significado, respectivamente, algo entre 0,9% e 3% dos seus rendimentos, mesmo que nenhum reajuste tivesse ocorrido nos vencimentos daqueles, nos nove anos que separam os dados. Seja como for, se tais condições salariais eram verificadas entre os trabalhadores do comércio, que requer o básico em termos de alfabetização, e, como já apontamos antes, algo em torno de 80% da população era analfabeta entre fins do século XIX e início do XX, tem-se então que não mais do que 20% dos feirenses dispunham de recursos para fazer da ida ao teatro um hábito. Importa lembrar, porém, que mesmo os menos privilegiados podiam ir com menos frequência, e que Feira sempre foi um centro de comércio regional que atraía pessoas de localidades próximas, e estas por certo também ajudavam a compor as plateias do teatro feirense.

¹⁰⁴ SITE Pereunt. *O Propulsor*, Feira de Santana, n. 76, p. 1, 27 mar. 1898. p. 1.

¹⁰⁵ DESENCARRILHAMENTO. *O Propulsor*, Feira de Santana, n. 72, 27 fev. 1898. p. 2.

Referências

- BASTOS, Fernanda Villela. Quando os intelectuais “roubam a cena”: o Conservatório Dramático da Bahia e sua missão “civilizatória” (1855-1875). 2014. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014. p. 11.
- BIBBÓ, Caroline Bertarelli; ROSA, Maria Cristina. From theatre to streets: the dynamics of shows in Ouro Preto, Brazil (1870-1900). *Leisure/Loisir*, 47(3):1-23, set. 2022.
- BOAVENTURA, Eurico Alves. *A Paisagem Urbana e o Homem*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.
- BOCCANERA JÚNIOR, Sílio. *O Teatro na Bahia, da Colônia à República (1800-1923)*. Salvador: EDUNEB, 2008.
- CAMPOS, Juliano Mota. Entre Tinteiros e Palanques: a trajetória intelectual e política de Arnold Ferreira da Silva em Feira de Santana-BA (1909-1930). 2016. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016. p. 2.
- CERQUEIRA, João Batista de; SOUZA, Maria Lúcia. *Memorial histórico da Santa Casa de Misericórdia. 1859-1954*. Feira de Santana, Bahia: Print Mídia Editora, 2009;
- CERQUEIRA, João Batista de. *Assistência e caridade: a história da Santa Casa de Misericórdia de Feira de Santana – 1859-2009*. 2.ed. Feira de Santana, Bahia: Print Mídia Indústria Gráfica e Editora, 2009.
- CORREIA, Telma de Barros. Art déco e indústria: Brasil, décadas de 1930 e 1940. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 16, p. 47-104, 2008
- COSTA, Flávia Cesarino. O primeiro cinema: considerações sobre a temporalidade dos primeiros filmes. *Cadernos de subjetividade*. São Paulo. v. 3, n. 1, p. 49-58, 1995
- COSTA, Lúcio. A arquitetura dos jesuítas no Brasil. *ARS. São Paulo*, v. 8, p. 127-195, 2010. p. 157.
- FAGGION, Carmen Maria; MISTURINI, Bruno. Toponímia e memória: nomes e lembranças na cidade. *Linha D'Água*, v. 27, n. 2, p. 141-157, 2014.
- FARIA, Karina de. *A saga de Celina: palco, picadeiro e rádio na trajetória de uma atriz nordestina*. Curitiba, CVR, 2020, p. 98.

FERNANDES, Francielly Keyse Martins; REIS, Joseni Pereira Meira. O teatro como modo de educação e participação nas culturas do escrito em Caetité Bahia, no início do Século XX. *Revista Cocar*, Belém, v.15, n. 31, p.1-20, 2021.

FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto; CARVALHO, Carlos Henrique de. Escolarização e analfabetismo no Brasil: estudo das mensagens dos presidentes dos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte (1890-1930). In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO CENTRO-OESTE, 12., 2014, Goiânia. Disponível em: <https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Ana-Em%C3%ADlia-Cordeiro-Souto-Ferreira_-_Carlos-Henrique-de-Carvalho.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022

FIGUEREDO, Anna Carolline Sá. Os grupos teatrais amadores de Feira de Santana: dinâmicas e vinculações políticas (1920 – 1930). 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em História). Universidade Estadual Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

FREIRE, Antônio. *Almanak da Província da Bahia*. Salvador: Litho-typographia de João Gonçalves Tourinho, 1881.

LAJEDINHO, Antônio do. *A Feira na década de 30: memórias*. Feira de Santana: [s.n.], 2004

LEITÃO, Sérgio Sá. Economia da cultura e desenvolvimento. *Revista Z Cultural*. Rio de Janeiro. Ano III, n. 3, 2015. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/economia-da-cultura-e-desenvolvimento-de-sergio-sa-leitao/>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

LIMA, Geraldo. *O teatro em Feira de Santana*. Feira de Santana: [s.n.], 2015.

LIMA, Camila Imaculada Silveira. Nos palcos de Fortaleza: o teatro em seus aspectos culturais, sociais e políticos na capital cearense no início do século XX. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA. 20. Anais. Franca (SP): ANPUH, 2010. Disponível em: <<http://legacy.anpuh.org/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Camila%20Imaculada%20Silveira%20Lima.pdf>>. Acesso em: 31 dez. 2022.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 111-153.

MACHADO, Aline Gomes. A ginástica como prática educativa na Bahia (1850-1920). 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2018. p. 55-56.

- MELLO, Carlos Alberto Almeida; BRITO, Carlos Alberto Oliveira (Orgs.). *Memórias: Arnold Ferreira da Silva. Feira de Santana: Fundação Senhor dos Passos. Núcleo de Preservação da Memória Feirense*, 2018.
- MORAIS, Ana Angélica Vergner de. *Sant'Anna dos Olhos D'Água: resgate da Memória cultural e literária de Feira de Santana (1890-1930)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.
- NUNES, Fábio Santana. "A los toros!": as touradas em Feira de Santana (1893-1905). *Revista Caminhos da História*, Montes Claros, v. 26, n. 1, p. 54-79, 2021a.
- NUNES, Fábio Santana. *Pelos vapores e trens, do hipódromo ao stadium: esporte e lazer em Feira de Santana - BA (1875-1922)*. 2021. Tese (doutorado em Estudos do Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2021b
- NUNES, Luiz Antonio da Silva. Relatório à Assembleia Legislativa Provincial da Bahia no dia 1º de maio de 1876. p. 145-146. Disponível em: <<https://archive.org/details/rpebahia1876a/page/n147/mode/2up>>. Acesso em: 26 dez. 2022.
- OLIVEIRA, Sandra Nívea Soares de. *Um modelar estabelecimento de ensino: o Colégio Santanópolis na cidade de Feira de Santana (1934-1959)*. 2014. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014. p. 49.
- POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Salvador: Itapoã, 1968
- ROBATTO, Lucas; RODRIGUES, Clara Costa; SAMPAIO, Marcos da Silva. Os primórdios do Teatro São João desta Cidade da Bahia (1806-1821). *Revista da Bahia*, v. 32, n. 37, p. 62-67, 2003.
- SACRAMENTO, Beatriz Café. *O cinema e as sociabilidades em Feira de Santana (1910-1919)*. Anais... ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-BA. 8. Feira de Santana. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2016;
- SACRAMENTO, Beatriz Café. *O cinema enquanto sociabilidades em Feira de Santana (1910-1920)*. 2017. Monografia (Graduação em História). Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2017;
- SAMPAIO, Maria Izabel da Silva. *Dimensão social do teatro em Feira de Santana (1892-1912)*. 2000. Monografia (Especialização em Teoria e Metodologia da História). Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2000;
- SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira dos. *Diversões e civilidade na "Princesa do Sertão" (1919-1946)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2012;

SILVA, Aldo José Morais. Natureza sã, cidade e comércio em Feira de Santana: a construção de identidade social no interior da Bahia (1832-1937). 2000. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2000.

SILVA, Aldo José Morais. Educação musical como projeto: 50 anos do seminário de música de Feira de Santana. *Metáfora Educacional*, n. 15, p. 48-76, 2013;

SILVA, Aldo José Morais. A Feira e o mercado: notas sobre a inserção de Feira de Santana na economia baiana. In: SILVA, Elizete da; NEVES, Erivaldo Fagundes. *Cultura, sociedade & política: ideias, métodos e fontes na investigação histórica*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014

SILVA, Igor Maciel da. *Elas se divertem* (Barbacena - MG, 1914 a 1931). 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizontes, 2018.

SOARES, Priscila Goncalves. História das práticas corporais e diversão na zona da mata mineira: indícios a partir da imprensa de Cataguases/MG e Juiz de Fora/MG. *LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v. 21, n. 4, p. 405-428, 2018.

SPINOLA, Noelio Dantaslé; MARINHO, Isabel Cristina Alves. O teatro na Bahia: dos jesuítas a Glauber Rocha. In: CONGRESSO ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 24., Anais... Covilhã, 2017.

Artigo recebido para publicação em 14/09/2023

Aprovado para publicação em 29/02/2024